



# **Cavernas de Luz, de Murilo Mendes**

*Olga de Sá*

*Doutora em Comunicação e Semiótica e Mestre em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Coordenadora de Pesquisa e Orientadora no Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Diretora Geral das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila.*

Tentar explicar a poesia de Murilo Mendes é tarefa impossível e inglória. Aliás, nenhum poeta é *explicável*.

O poema “Janela do caos”, objeto de nosso comentário, é o último do Livro Segundo de **Poesia-liberdade**, que reúne uma produção de 1944-1945, anos finais da 2ª Guerra Mundial.

O Livro Primeiro é de 1943. **Poesia-liberdade** é dedicado aos *poetas moços do mundo*. Murilo tinha 42 anos e quando publicou esse livro (1947) tinha 46 anos. Em 1943, foi internado num sanatório de Correias, com tuberculose pulmonar. Em 1944, publicou **As metamorfoses**; em 45, **Mundo Enigma** e **O discípulo de Emaús**.

Em 1947, publicou **Poesia-liberdade**, ano de seu casamento com Maria da Saudade Cortesão.

Só em 1949, sai em Paris, em edição rara, sob o título “Janela do caos”, uma coleção de onze poemas, final de **Poesia-liberdade**. A edição é ilustrada com seis litografias de Francis Picabia.

Em 1961, em Milão, publica-se “Janela do caos” (Finestra del caos), em edição bilingue, tradução de Giuseppe Ungaretti.

Considerada por Fábio Lucas poesia de cunho barroco, mesclando “sensibilidade erótica e aspiração religiosa”, ou como diz Carpeaux, “sensualidade ardente e devoção angustiada”, a poesia de Murilo é de vanguarda e de marcação ímpar na Literatura Brasileira. Foi alinhada como *poesia metafísica*.

Embora fragmente tempo e espaço, os poemas de Murilo se alistem, existencialmente, como diz Fábio Lucas, *no aqui e agora*.

Neste *hic et nun*, situa-se “Janela do caos”, uma espécie de abertura para o mundo que se vislumbra caótico, pois não pode ser diferente um tempo de guerra.

Haroldo de Campos caracteriza a programação estética de Murilo, em artigo publicado no **Suplemento Literário do Estado de São Paulo**, com um aforismo de **O discípulo de Emaús**, de 1945: a passagem do “mundo adjetivo para o mundo substantivo”

O mesmo crítico, comentando **Poesia-liberdade**, diz que o livro se caracteriza pela “dissonância no campo da imagem”. Que significa isso?

Significa uma poesia plástica, não discursiva, em que a forma se impõe como plasmadora de mensagens. Esta nota barroca concilia os contrários, cria arestas imagéticas, que violentam a lógica do discurso. Renuncie-se a procurar, nesses poemas, um veio lógico, linear. Privilegia-se o visual, nessa espécie de surrealismo, quase uma paródia da lógica discursiva, como insinua Haroldo de Campos. Sem métrica, as frases poéticas se alinham numa melodia dissonante, pelo contágio das imagens.

No primeiro dos onze pequenos poemas, visualiza-se um país estranho, um Egito de corredores aéreos e uma galeria escura, onde se espera um Alguém - com maiúscula - que desfero o violoncelo do coração, num mundo em guerra, que ainda é azul.

Se embrulhos e lamentos telefonam, quem telefonaria, o consolo, o puro orvalho e a carruagem de cristal? (poema 2). Quem telefonaria para coisas que não sejam cotidianas ou tristes, quem falaria para confortar, serenar

ou apontar a fantasia de Cinderela?

Talvez, por essa “janela do caos”, tu possas ver o carregador de pianos e o britador de pedras e ouvir o seu canto já ouvido nas praias, subsistindo em tua alma. (poema 3).

Existe música no ar. Seus ecos chegam a ti, vindos da Casa dos expostos. O balido do mar, como cordeiro inocente, chega também a teus ouvidos. O poeta está no futuro, jamais no passado, e porque não teve filhos, não pode ser antepassado de ninguém. (poema 4).

Imagens incandescentes se sucedem, amparadas em antíteses como *harmonia do terror*.

Nada de harmonioso subsiste: nem o perdão, nem o ciclo das flores, nem um som de flauta, nem uma colina azul. Fome e morte. O sangue de Abel empapa a terra, sangue que se oculta até de Deus. (poema 5).

Entre infância e eternidade, a morte. Infância que entreviu a morte no rodopio do pião e ao desmontar o besouro. Entre infância e morte, a fome de amor. E a música, avesso do céu, ultima passagem livre, rude doçura (poema 6).

A imaginação do poeta, impregnada ainda de paisagens egípcias, à sombra das pirâmides, aspira à obscuridade. Nesse jogo de luz e sombras, reitera-se o clima barroco.

Toda harmonia se dilui: encouraçados solapam as harpas, nuvens equestres galopam nos céus e os paraquedistas da justiça são chamados, talvez em vão (poema 7).

A guerra prossegue sem sinais de armistício. Não se vislumbra colheitas. As mães geram fantasmas de outra guerra, e os cemitérios se tornam férteis, enquanto jorra o sangue, como ondas de púrpura, de dentro do homem (poema 8).

As aspirações religiosas de Murilo sofrem sempre o embate das contradições do mal e das forças de destruição. Há que resistir. (poema 9).

O sofrimento e o despojamento, sintetizados na coroa de espinhos, são essenciais para merecer que se rompam os Sete Selos do Apocalipse. Os livros não evitarão o abandono e a solidão. São também eles cadáveres, incapazes de resistir à velocidade da mudança (poema 10).

Existe porém, uma melodia que, desde as origens até o final, sobe desse coro de vozes mistas, além dos mares, além dos ares, anunciando a felicidade. Essa melodia, que substitui o pêndulo do tempo, entre desengano e solidão, depreende-se do órgão soberano, eterno, que ultrapassa o provisório.

Os contrários ou os excessos, além de tempo/eternidade, pontuam a melodia inaudível, ritmada pela carne miserável: tédios e lágrimas, incertezas e abismos, fadiga e prazer, colares de sangue. (poema 11).

Não há como desmentir essa oscilação metafísica, que o poeta colhe no cotidiano, por um olhar atento às condições precárias da existência humana, sobretudo em tempo de guerra.

Em “Ceia sinistra”, um dos poemas de **Poesia-liberdade**, Murilo percebe a hora de alimentar os fantasmas. *Tanks* e tratores comandam o homem. E ele, o homem, “morre sem ainda saber quem é”.

O pensamento da guerra anula “o que poderia vir

da água, da rosa, da borboleta”

O poeta sabe que é um privilegiado, pois recolhe o essencial dos despejos da vida. Calça os *coturnos da revelação* e compartilha, sem coroa de espinhos, o privilégio de Deus.

Todos os homens estão sendo amassados e triturados. “Cada um deve beber no coração do outro”. Mas o “homem que não viu seu amigo chorar ainda não chegou ao centro da experiência do amor”

Todos os homens têm uma chaga aberta, mas nenhum homem sabe tocá-la. Servos da máquina e do tempo, ninguém pára, ninguém conhece os próprios desejos, todos se anulam na *massa-leviatã*.

O arquivo do poeta é o mundo. Dele retira alegria e sofrimento e restaura a unidade perdida. A poesia se desdobra em planos múltiplos, e casa a branca flauta da ternura com os vermelhos clarins de sangue.

Do branco e do vermelho, como na “Morte do leiteiro”, poema de Carlos Drummond, surgirá a aurora.

Para esse surgimento, a mulher desempenha papel essencial: tudo será por ela restaurado. Antiga mediadora, a mulher, vencida a máquina, que ela também incorporou em si mesma, romperá as grades do coração do homem.

A serpente será vencida; a fonte, o pinheiro e a pastora dançarina ouvirão sua própria música e se acautelarão contra os lobos.

Murilo menino, de volta à infância, monta “o vento em pelo e quer conhecer a mãe-d’água, que no claro do rio penteia os cabelos com um pente de sete cores.”

O poeta a associa à doce Virgem Maria, que sendo rainha é também advogada. Como pode ser isso, pensa o menino: rainha e advogada?

Nossos abismos são iluminados por um candelabro, que precisa ser, continuamente, polido. Nossa existência é uma *vasta expectativa* e o universo marcha para sua *arquitetura perfeita*.

Ó poeta Murilo! Amaria ter te interpretado e não

parafraseado. Mas o outro leitor tem direito à dissonância de tuas imagens, à complexidade de teus sintagmas, à estranheza de teus contrastes. Jamais deixaremos de nos surpreender contigo à luz de tua visão essencial.

O pássaro profeta cantou

Dos trabalhos e da morte

Do homem:

Só lhe ouviram a melodia

(Cantiga escura em *Poesia-liberdade*)

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Haroldo de, *Metalinguagem*. Petrópolis, Vozes, 1967.

CAMPOS, Haroldo de. *Suplemento literário do Estado de São Paulo*, I, 1.1.1963; II, 26.1.1963.

CARPEAUX, Otto Maria, “Unidade de Murilo Mendes”. in *Região*, n 11, Recife, 1949.

FÁBIO LUCAS: *Murilo Mendes: poeta e prosador*. S. Paulo, EDUC, 2001.

MERQUIOR, José Guilherme. “Notas para uma Murilosopia”.. In *Murilo Mendes: Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.

MURILO MENDES: *Antologia poética*. Seleção de João Cabral de Melo Neto, introdução e Jose Guilherme Merquior. Rio de Janeiro, Fontana, Brasília, INL, 1976.

MURILO, Mendes: *Poesia completa e prosa*. Organização, preparação do texto e notas Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.

PICCHIO, Luciana Stegagno. “Itinerário poético de Murilo Mendes”. In: *I Revista do livro*, Rio, dez. 1959.

Foto: “Detalhes parisienses n° 26”, Élcio Roefero

